

# Comércio da Terra de Vauzeim

JORNAL REPUBLICANO, DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO CONCELHO

Director e editor—Manuel A. Frasco

Redacção e administração—Praça da República

Propriedade de Frasco & Companhia

## Ecos da Semana

### DOIS REPUBLICANOS

*A Morte continúa impiedosa e traçoira a dizimar as fileiras republicanas. A' extensa lista de elementos de valor que têm desaparecido, há hoje a aumentar mais as figuras dos coroneis Maia Pinto e Vêlez Carço, que tantos e tão grandes serviços prestaram à Pátria e à República.*

*São dois valorosos combatentes que desaparecem, precisamente no momento em que a República mais precisa do auxílio de todos os seus dedicados filhos.*

### RUA DA JUNQUEIRA

*Agora que tanto se fala em obras, em embelezamento da nossa querida Terra, lembramos a conveniência e urgência da reparação do pavimento da Rua 5 de Outubro, a antiga e conhecida Rua da Junqueira.*

*E' a artéria mais importante, a mais comercial, e já uma rua definitiva.*

*Por ela são obrigados a transitar todos os nossos visitantes e toda a nossa colónia balnear, e o piso é tão mau que já era péssimo há 50 anos.*

*Ora não seria uma obra tão cara, que não possa fazer-se este ano, o cimentar ou esfaltar o seu pavimento e consequentemente o Largo do Chinês.*

*E' com certeza uma obra de incontestável utilidade e urgência e que mereceria os louvores e aplausos de gregos e troianos.*

*Aqui fica o alvitre.*

### MORREU O REI

*Que pena! Não se realizou na penúltima semana em Lisboa, aquela paródia real com manifestantes e integristas. Não foi felizmente, por falta de liberdade, mas parece que por falta de numero.*

*Foi pena, repetimos. E' que era bonito ver gritar das janelas do palácio do Conde Andeiro, perdão das janelas do Palácio das Juventudes Monárquicas: Morreu o rei. Viva o rei. Viva D. Nuno e maila a rainha Conegundes.*

*Mas também era triste ver o ex e futuro lugar-tenente, conselheiro, herói e benemérito da pátria, acolhido pelos srs. Rolão Preto e Costa Santos.*

*Antes assim.*

## HORA DE ORGANIZAÇÃO

Emquanto os inimigos da República espalham o seu *integralismo lusitano* procurando fixá-lo praticamente, os republicanos—triste é dizê-lo—embora não todos, continuam divididos por pequenos dissídios, por caprichos inaceitáveis.

Mas tal situação não pode nem há-de continuar.

Não pode continuar porque acima dessas desavenças, muito além de semelhantes irreductibilidades, estão os interesses e conveniências sociais e políticas do Regime.

Não ha-de continuar porque todos nós, republicanos de boa fé e movidos pela única intenção de fazermos regressar, pelos processos legais, o país à plena usufruição de todas as regalias cívicas e liberdades públicas, procederemos de modo a que assim seja.

Já hoje é doutrina assente e irrefutável que novas e mais modernas concepções políticas preocupam o espirito das altas mentalidades dirigentes.

Necessariamente que povo algum pode esquivar-se à benéfica influência das teorias sociológicas em equação e até, em certos países do mundo, em plena realização de profícua experiência.

Porém não há grupo de ideias, núcleo de doutrinas que não obri-gue à constituição duma orgânica basilar, à fixação dum programa onde inscritos os princípios a pôr em execução no propício momento que a oportunidade impuzer.

Posto isto precisamos, apenas, que os homens de categoria mental da República se coloquem em immediato contacto com as massas republicanas, orientando-as e indicando-lhes as diferentes correntes ideológicas para que se agremiem e conjuguem em volta daquela que maior confiança inspire e mais se harmonise com o pensamento das suas aspirações.

Estou convencido, sinto mesmo uma voz íntima a afirmar mo, que todos os nossos correligionários aguardam, com ançada esperança, o instante de se poderem pronunciar lançando se, assim, na mais homogénea campanha de propaganda e defesa da República.

E isto faremos na mais rigorosa disciplina, com a ordem nos espiritos e na rua, dentro da legalidade que a lei permite, sem excessos nem exageros condenáveis ou que possam admitir qualquer censura justificada.

Há, portanto que exigir dos homens públicos da República, dos

altos espiritos que doutrinisam e procuram, com os seus sistemas políticos, conduzir os povos à realisação efectiva do mais puro humanismo social dentro duma perfectibilidade suprema, a obrigação de canalisarem as camadas populares para a conquista desse Ideal.

Mas, conjugadamente, a exigir há também dessas camadas populares o dever de se unirem como se fóssem um só pensamento e uma só alma, para, de tal forma, facilitarem a obra orientadora dos cérebros dirigentes.

De facto no presente momento souo a hora de organização, o instante psicológico, a flagrante sintomatologia da doença que se torna preciso medicar com remédios de cura radical que dominem o mal na sua origem e não apenas, nos reflexos exteriores ou superficiais.

Cada republicano, dentro da ampla ou limitada esfera de acção ao seu alcance, deve difundir os princípios que venho de expôr, espalhando-os até ao ponto mais longínquo e de modo a formar uma bem firme coesão entre todos os esforços e todas as vontades democratas.

Logo que isto represente palpável realidade sobre a qual nenhuma controversia seja possível, a asseguaração dos fundamentos liberais da República ficarão assentes em alicerces de indestrutível solidez.

Passemos, pois, das teorias às realidades porque estas hoje constituem o princípio basilar das Democracias de verdade, são o fulcro de valor positivo que, satisfazendo os anhelos das sociedades modernas, oferecem plena reparação ao pensamento autónomo dos povos livres que sabem caminhar e sabem querer.

ARTUR RORIZ

## Quem mata?

*Por ter estado doente o nosso presado colaborador artistico sr. Jaime Almeida, tivemos de interromper, no presente numero a serie de caricaturas que o nosso bom amigo s' propôs fazer para o «Comércio».*

*Desejando a Jaime Almeida um rápido restabelecimento, esperamos poder continuar, já na próxima semana, a publicação dos seus trabalhos.*

## Ecos da Semana

### BANHISTAS

*Ainda se encontra animada a nossa Praia; para o verificar é percorrer as ruas António Graça, Latino Coelho, etc., onde se aloja a última colónia de veraneantes após as vindimas.*

*O tempo corre delicioso para esta nova fase de vida balnear, para a quadra de Novembro, em que fazem uso de banhos os forasteiros dos concelhos limitrofes. E dizem que os banhos do mês que corre são os melhores, de bons efeitos para quem sofre e deles necessita.*

*A colónia balnear de Novembro também merece os nossos cumprimentos. Aqui lhos damos efusivamente.*

### ZONA DE JOGO

*Foi prorogada a zona temporária de Jogo na nossa Praia até ao fim do corrente mês de Novembro. Entidades do Porto protestaram, mas o poder central autorizou essa prorogação que dá ao Estado mais uns contos de receita.*

*Agora uma pergunta inocente: por essa prorogação também a empresa exploradora do jogo contribue com alguma coisa para a empresa do Casino?*

*Cremos que não; mas parece que deveria contribuir, porque a empresa, se pede a prorogação, é porque com ela lucra.*

### E' DE DIREITO

*Dizem-nos que seria justo que o monumento ao nosso glorioso Cego do Maio—o herói maximo da nossa terra— fosse melhor iluminado no inverno, pois encontra-se ás escuras. Também assim o entendemos: que deve ser convenientemente iluminada a estátua do grande poveiro que tanto bem fez e tanto dignificou a sua terra.*

*O monumento ao Cego do Maio não deve continuar ás escuras, nas trevas e no esquecimento, sem a veneração a que tem jus.*

### A FECHAR

*Um' senhora muito magra visitando uma amiga:*

*—Ahl Veja, senhora Mayer, como o seu cão gosta de mim. Anda-me sempre a fariscar á roda dos tornozelos.*

*—E', é; assim que vê ossos, põe-se maluco!*

# REPUBLICA IMORTAL

A vinte e dois anos de regime republicano poderá parecer singularmente estranho que a imprensa republicano-democrática ainda tenha de agitar constantemente a ideia da República, como se ela não estivesse já suficientemente radicada na alma do povo português.

Dir-nos-ão os monárquicos: se a República é indestrutível e se o povo a sustenta e a defende através de todos os transe, porquê esse martelar periódico, essa obstinação quasi doentia de propagandear constantemente a ideologia republicana, em vez de discutirem os vários problemas de ordem económica, financeira, social, artística e pedagógica, que interessam ao país e, consequentemente, à vossa República?

A resposta é fácil: o regime republicano em Portugal está hoje fundamentalmente ligado, fortemente unido à ideia da nacionalidade livre e independente. Se alguém pretendesse, num golpe de louca audácia, derrubar as instituições republicanas, o criminoso ou criminosos que tal tentassem vibrariam uma certa machadada no coração da Pátria e lança a iam nas calamidades duma guerra civil no caso, aliás pouco provável, desse golpe poder triunfar, ainda que por um espaço de tempo que seria necessariamente breve.

Mas, por que esta verdade incontrovertida não tem sido compreendida, propositada ou inconscientemente pelos monárquicos portugueses, a República, desde as incursões da Galiza, de 1911, tem aparado os mais traçozeiros golpes, debatendo-se, numa luta tenaz e quasi constante contra os seus inimigos, que, a peito descoberto ou de antipaz a cobrir-lhes a intenção criminosa, têm pretendido sempre, através destes vinte e dois anos de lutas, impôr o seu sistema de que o povo português se divorciou inteiramente.

Eis por que, nesta época em que assistimos, é inútil negar, ao estrebuchamento das classes plutocráticas que se defendem, com auxílio e não menor audácia, da morte que vem próxima, a função da imprensa republicana tem de ser, evidentemente, de propaganda, não apenas para manter o regime republicano, que esse é hoje inabalável, mas, principalmente, para que a ruim propaganda dos outros não encontrem campo aberto à informação dum estado de alma colectivo, susceptível de verificar-se no futuro, dada a proverbial deficiência mental de certos centros provincianos, onde, de preferência, essa propaganda atentatória da liberdade e dos direitos do homem é feita, visto que foi a impossibilidade de a realizar com êxito nos grandes aglomerados das cidades onde os princípios civilizadores chegaram mais rapidamente.

A obra reaccionária é, pois, uma obra que visa a deitar poeira nos olhos das gentes menos cultas. E' para evitar, combatendo-a através de todos os dissabores e calúnias, essa obra crimmosa e anti-patriótica que existem e se batem corajosamente os jornalistas republicanos e liberais.

Veja-se, por exemplo, o sibillino artigo há dias publicado e assinado pelo director do jornal *A Voz* em que, com todas as manhas e ardeices próprias de quem não gosta, ou não aprendeu a lutar lealmente, à luz do sol, esse perigoso e velho elemento de dissolução, lançava a medo, com a covardia própria dos jesuitas, a inconcebível ideia de um plebiscito ao país sobre

a questão de regime, como se este caso pudesse ser posto em discussão, como se alguém de bom senso moral e patriótico pudesse defender semelhante atentado contra a vontade do povo português.

E' para evitar estas e semelhantes propagandas, respondendo-lhes com os tiros certos da nossa argumentação, que a imprensa republicana existe e tem de falar constantemente na bem amada palavra—República.

E enquanto houver portugueses como nós e como tantos outros espalhados por esse país que se disponham a lutar a peito descoberto com aqueles que trazem a meiga palavra—Cristo—nos lábios mas o veneno que mata em ambas as mãos; sim, enquanto houver portugueses que não conhecem a covardia nem a traição, a República não morrerá—a República é imortal!

(Da «República» de Lisboa)

## “PATRIA PORTUGUESA”

*Acedendo a um convite que lhe foi feito pelo sr. Crisóstomo Cruz, illustre director da «Patria Portuguesa» e da revista «Luzitania» do Rio de Janeiro, accetou o encargo de correspondente nesta vila, das referidas publicações, o nosso querido amigo e presado companheiro de redacção sr. Manuel Agonia Frasco, que deu já inicio aos seus trabalhos.*

*Felicitando este nosso amigo pela sua nomeação, felicitamos também a illustre redacção da «Patria Portuguesa» e da «Luzitania» pela acertada escolha que acaba de fazer.*

### JOÃO DUARTE

ADVOGADO

P. MARQUÊS DE POMBAL, II

### Carreira de camionetes

O sr. Abel Quintela, proprietário das camionetes que fazem a carreira entre Braga, Póvoa e vice-versa, resolveu continuar, no inverno, com a mesma carreira que beneficiará, por certo, os povos das freguesias por onde ela é feita.

A camionete parte da Póvoa às 8 horas da manhã para Braga e desta cidade às 16 horas e meia para a Póvoa.

### Alfredo Pinto

*Com pequena demora esteve entre nós, no último domingo, o nos-o querido amigo sr. Alfredo Pinto que, apr. vetando a sua estada no Norte, não quiz deixar de vir á Póvoa abraçar os seus numerosos amigos.*

*Receba o sr. Alfredo Pinto os nossos affectuosos cumprimentos.*

## Muito pão, mas pouco gado

Que Portugal não era um país agrícola, ao contrário do que muitos pensavam e a prova é que não produzia o pão bastante para o seu consumo, bradavam, contentes, certos patrioteiros.

Mas os governos publicaram certas leis de protecção à lavoura, fez-se a chamada campanha do trigo, os lavradores ouviram e aprenderam com os técnicos, e este ano Portugal colheu trigo que basta, e sobre até, para o seu consumo.

Não importaremos trigo, isto é, não mandaremos para o estrangeiro muitos milhares de contos (ouro), e, notemos, no momento em que à economia nacional falta o ouro que nos vinha do Brasil e da América.

Devíamos rejubilar e trabalhar para que jamais a lavoura deixasse de produzir o pão sufficientemente para consumo do País. Devíamos, mas não pensa assim a meia dúzia de patrioteiros, que rompeu fogo em vários *orgãos* clamando que foi um crime arrotiar os terrenos do Alentejo, pois falta assim a bolota para a criação dos porcos e as pastagens para o gado cavalari, duas riquezas que se vão perder!

Que importa aos tais patrioteiros os porcos, os cavalos e mesmo os burros? Toda aquela lamuria é hipocrisia.

O que lhes doi é isto: Havendo trigo não há importação; não havendo importação não há aqueles *negócios chorudos* da moagem e de meia dúzia de tubarões.

### Solicitador

Foi transferido, como requereu, para idêntico logar nesta comarca, o sr. Artur Pereira da Silva, solicitador na comarca de Idanha-a-Nova.

## Crónica

*A semana que ontem findou, foi de luto para os fastos da República portuguesa.*

*Registou magnanimamente o antersário lutozo de três glórias da democracia nacional que o estertor de Outubro levou na sua voragem para as paragens do Além-tamulo:— António José de Almeida, José Relvas e Luis Derouet.*

*Os dois primeiros, vultos de invulgar proeminência no advento da República, nela se salientaram e por ela se sacrificaram a ponto do povo, a grande massa que recebeu o 5. de Outubro a brados jubilosos duma vitória retumbante, essa arrata milida que foi o troféu de Monsanto, deveras os estimava como verdadeiros idolos.*

*O terceiro, Luis Derouet foi também um incansável propagandista que a locura dum assasuo armou o braço para vitimar o grande apóstolo.*

*A lição do seu civismo, o exemplo da sua integridade moral, o forte liame que os ligou na mais perfeita união de pensamento quer na luta, quer na paz, adstringiu-os tão continuamente ao raciocínio e á lógica dos factos que os exalçaram que, focados á luz da História, ela os alcançou como cidadãos incorruptíveis duma só fé, duma só tempera e dum só carácter.*

*Foram grandes paladinos da democracia que souberam impor-se adentro duma nacionalidade que cultivou a fragrante flôr da gratidão pelo estolicismo que animou os octos, as palavras e a perseverança indefectível no futuro e no ideal da República.*

*Comemorar-lhes a memória é bem um alto dever cívico que mais afesta e engrandece a honra da grande falange republicana.*

L. LOUREIRO

## Sob os ciprestes

### Lauro da Costa Carneiro

Vitimado por uma doença que não poupa, faleceu na terça-feira em casa de seus pais, na freguesia de Rates deste concelho, o sr. Lauro da Costa Carneiro, de 2 anos, estudante do nosso Liceu.

A noticia da sua morte constonou profundamente todos os seus amigos e colegas, pois o pobre Lauro era possuidor dum excelente carácter, merecendo por isso a amizade de todos aqueles que dele se abeiravam.

Sentindo sinceramente a morte do infeliz moço, enviamos a todos os seus, os nossos sentidos pesames.

### António F Dourado

Na casa de sua residência á Rua 31 de Janeiro, succumbiu na segunda feira, com 36 anos de idade, o sr. António Francisco Dourado, ex-negociante da Avenida Mousinho e cunhado do nosso amigo sr. Sarg.º Americo Alves Pinto.

O seu funeral foi muito concorrido.

Apresentamos á familia enlutada os nossos sentimentos.